

## ESTUDOS DE GÊNERO EM PRÁTICAS CURRICULARES MULTICULTURAIS: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DOCENTE

**Resumo:** A pesquisa que originou esse trabalho teve como objeto de estudo as relações de gênero em aulas de educação física ministradas nos anos finais do ensino fundamental. Objetiva refletir sobre a relação entre formação docente e práticas pedagógicas de professores/as de Educação Física referentes às relações entre os gêneros. A análise debruçou-se sobre resultados de trabalhos de conclusão de curso de Licenciatura em Educação Física e teve origem na vivência de práticas curriculares voltadas para a multiplicidade de elementos formadores da multiculturalidade que marca nossa sociedade e, em consequência adentra nossas salas de aula. Os resultados apresentados mostram que o gênero como categoria de análise se impõe aos estudos sobre currículo e apontam que a nossa experiência com práticas curriculares multiculturais na formação inicial de docentes aproxima-se do objetivo de atuar no campo do currículo entendendo-o como formador de sujeitos e visando a formação de docentes comprometidos com mudanças sociais, por compreenderem a cultura como construto social e histórico e como campo de lutas no qual os embates dizem das relações de poder vivenciadas em determinado tempo e espaço da existência humana.

**Palavras-chave:** formação docente; gênero e educação; currículo multicultural.

### O Cenário das experiências de investigação sobre as relações de gênero

O cenário no qual se desenvolveu a pesquisa que originou esse artigo é formado por diferenças culturais que ao longo da história produziram desigualdades sociais, a exemplo das diferenças entre gêneros, que historicamente têm se revelado indutoras de relações assimétricas entre o masculino e o feminino e se expressado em favor do primeiro elemento dessa relação. O conceito de gênero, cuja trajetória incorpora a ampliação das inquietações em torno da construção de novas e diferentes formas de convivência entre homens e mulheres emerge da problematização dessas relações, que passam a ser questionadas a partir do século XX. Tais discussões, ainda que relativamente recentes em termos de uma mudança cultural de valores socialmente arraigados ao longo de muitas décadas nas

concepções e práticas sociais dos sujeitos, suscitam na atualidade preocupações em relação à convivência entre gêneros, cujas bases para transformações poderiam se iniciar a partir de uma educação para o convívio social entre meninos e meninas no espaço escolar.

As inquietações aqui evidenciadas dizem respeito à formação de professores e professoras de Educação Física em razão da própria natureza desse componente do currículo, que reconhecendo no movimento corporal, múltiplas e diferenciadas formas de expressão dos sujeitos, está também envolvido em um grande paradoxo. Ou seja, por um lado a educação física nos sugere a detenção de um vasto e diversificado conjunto de elementos culturais – esportes, danças, jogos, ginásticas, lutas – indutores da problematização das desigualdades sociais ancoradas nas diferenças entre os gêneros. Por outro lado, trata-se de uma disciplina que carrega em sua trajetória as marcas das concepções higienista e militarista, expressas na seletividade, na separação por gênero em suas aulas; no privilégio dos esportes de alto rendimento que favorecem a participação dos meninos em detrimento da atuação das meninas, consideradas menos aptas para tal; nas concepções de corpo e nas representações sobre a relação entre corpo e cultura que atravessam a educação física escolar. (FREIRE, 2010; LIMA e DINIS, 2007).

Diante desse cenário alguns questionamentos vão guiando nossas reflexões sobre as práticas de ensino envolvidas nesse componente curricular, ao mesmo tempo em que nos impelem a ponderar a respeito da formação de professores e professoras que concluem seus cursos para atuar na educação básica. É nesse sentido que indagamos sobre quais elementos da cultura influenciam a formação docente de professores e professoras que optam pela separação entre meninos e meninas nas aulas de educação física e pela oferta de conteúdos distintos para os gêneros masculino e feminino? Quais desses elementos estariam guiando seus comportamentos em relação aos gêneros e às escolhas de conteúdo para as aulas de educação física? Estaria a separação por gêneros oferecendo maior aproveitamento nas aulas, ou ao contrário, a adoção de aulas mistas contribuiria para a construção de relações sociais de gênero mais harmônicas e, em consequência, para a formação humana de meninos e meninas? Em que medida a educação física escolar interfere na construção das representações e das relações

sociais de gênero entre estudantes do ensino fundamental? Que concepção de corpo, de gênero e de sexualidade guiam as práticas pedagógicas de professores e professoras dos anos finais do ensino fundamental?

Em presença desses questionamentos e sem a pretensão de responder a todos eles, esse artigo que resulta de uma pesquisa, cujo objeto de estudo diz respeito às relações de gênero em aulas de educação física ministradas nos anos finais do ensino fundamental, tem como objetivo refletir sobre a relação entre a formação docente e as práticas pedagógicas de professores e professoras de EF no que diz respeito às relações entre os gêneros. Nesse sentido, busca responder à seguinte questão: de que forma a formação docente pode contribuir para a superação de práticas sexistas no interior da escola e para a construção de relações sociais que promovam a equidade entre os gêneros?

A análise se debruçou sobre resultados obtidos em trabalhos de conclusão de curso apresentados por licenciandos e licenciandas de um curso de Licenciatura em Educação Física de uma instituição de ensino superior da cidade do Recife em Pernambuco. A discussão inclui um conjunto de nove monografias<sup>1</sup> produzidas no período de seis semestres, às quais foram aplicadas metodologias que variaram entre estudos de caso, revisões bibliográficas e pesquisa documental. Através das pesquisas seus autores/as buscaram se aproximar dos sentidos e significados que o gênero assume nos currículos escolares dos anos finais do ensino fundamental por

---

<sup>1</sup> 1) Gênero e Educação: a inclusão de meninos e meninas nas aulas de Educação Física de Alxan Santilio Mendonça; 2) Educação Física e Gênero: as contribuições da educação física escolar para a construção das relações sociais de gênero entre os e as estudantes do ensino fundamental de Fabíola Adriana Menezes dos Reis; 3) Jogos e brincadeiras populares nas aulas de educação física: as mediações na construção das relações sociais de gênero entre meninos e meninas dos anos iniciais do ensino fundamental de Ana Cláudia do Nascimento Medeiros; 4) A cultura corporal e as concepções de corpo na Educação Física escolar de Josivalda Claudia Duarte e Arruda; 5) Elementos da cultura implicados na preferência dos meninos pelo futebol nas aulas de educação física de Ericka da Silva Carneiro; 6) Meninos e meninas representando o gênero nas aulas de educação física de Ericka Soares; 7) Comportamentos de gênero de meninos e meninas nas aulas de Educação Física de Gláucio Ricardo Ribeiro da Silva; 8) Gênero e Educação Física: as interferências das representações de gênero dos e das estudantes na aplicação do conteúdo dança nas aulas do ensino fundamental e médio de uma escola da rede privada de ensino do Recife de Rodolpho Gazzaniga Neto e 9) Concepções de gênero de professores e professoras de Educação Física de uma escola estadual de Recife-PE. de Thatiane Mirella de Oliveira Melo.

professores/as e estudantes. Isso equivale a dizer que as relações de gênero constituíram-se como objeto de estudo desses nove trabalhos, dos quais seis foram realizados por licenciandas e três deles tiveram a autoria de licenciandos.

Diante desse cenário, iniciamos nossa reflexão anunciando que a produção dos trabalhos analisados tem sua gênese na vivência de práticas curriculares desenvolvidas no exercício da formação docente e geradas a partir de um olhar voltado para a multiplicidade de conteúdos e formas, cores, interesses e jeitos de compreender o mundo, formadores da multiculturalidade que marca nossa sociedade. Essas práticas encontram apoio na compreensão de que não há mais lugar na escola nem na formação docente para currículos que, ignorando as diferenças culturais – étnicas, geracionais, territoriais, de credo religioso, de orientação sexual e de gênero, entre tantas outras – objetivem a homogeneização de conhecimentos, de comportamentos e de formas de ser dos sujeitos, desconsiderando as singularidades de suas identidades sociais. Essas práticas anunciam nossa estreita aproximação com as salas de aula do ensino fundamental e, por isso mesmo, nossa grande preocupação com a formação de professores e professoras, entendidos como sujeitos que desempenham papel essencial na construção das identidades e das subjetividades dos e das estudantes.

As experiências de iniciação à pesquisa dos licenciandos e licenciandas por nós orientados/as resultam igualmente da curiosidade provocada pelo trato dispensado às relações entre os gêneros na escola e, em especial, nas aulas de educação física. De igual modo, derivam do fato de os mesmos entenderem que esse componente curricular dispõe de ferramentas basilares para contribuir com a superação de preconceitos e estereótipos, que historicamente colaboraram/colaboram para que as diferenças de gênero, construídas socialmente, se convertessem em desigualdade de direitos e de oportunidades entre homens e mulheres. Dessa forma, os trabalhos tiveram como ponto de partida o entendimento de que a superação do conservantismo que parece prevalecer na maioria das salas de aula de educação física, por certo em muito contribuiria para a vivência de um currículo que favorecesse a formação de identidades de gênero positivas, pelos/as estudantes em uma etapa crucial do seu desenvolvimento social que é a adolescência.

No entanto, as inquietações geradas nos licenciandos/as pela observação atenta às práticas cotidianas vivenciadas por estudantes, professores e professoras, realizada durante o estágio supervisionado no ensino fundamental, suscitou questionamentos acerca de várias situações, dentre as quais se destacaram aquelas em que as aulas de Educação Física são ministradas separadamente para meninos e meninas. Essas situações revelaram-se perturbadoras para os futuros/as docentes e deram origem aos problemas de pesquisa dos diversos trabalhos que acolheram como categorias teóricas cultura, currículo e gênero.

### **Cultura, Currículo e Gênero: estruturadores da experiência de formação docente**

Discutir sobre cultura, currículo e gênero, como estruturadores do nosso fazer pedagógico, implica compreender a imbricação e as múltiplas dimensões envolvidas nesses conceitos que, como construção social e histórica, estão envoltos em uma rede de relações de poder e marcados pela complexidade e pela dinamicidade espaço-temporal de cada sociedade. Desse modo, a compreensão que temos hoje a respeito do que seja cultura não foi difundida dessa mesma forma em outros tempos e espaços. O conceito de currículo, de igual modo, também atravessou um processo de construção no qual alguns sentidos e significados a ele se incorporaram, enquanto outros se perderam ao longo de sua trajetória. Por sua vez, o gênero, ainda que considerado um conceito mais recente em relação aos demais, não esteve imune às transformações inerentes ao processo histórico de elaboração conceitual e, até chegar a ser compreendido como objeto da cultura que expressa as relações sociais ente homens e mulheres e as construções sociais do masculino e do feminino, foi durante décadas tomado como sinônimo de mulheres.

Nesse sentido, convém lembrar que as transformações, sejam elas conceituais ou de ordem das práticas sociais, parecem não haver se processado de maneira tão acelerada em outros tempos e, desse modo, também não se pode esquecer que a sociedade contemporânea está imersa em um contexto social de crise. Crise de paradigmas, crise econômica, cultural, crise da escola e da educação de forma mais ampla, enfim a sociedade parece mergulhada em uma crise que atinge diretamente as famílias e a vida cotidiana das pessoas.

Nesse contexto, realçamos que o conceito de cultura aqui adotado se contrapõe à concepção de Cultura construída pelo pensamento Moderno, segundo a qual, a cultura correspondia à seleção de um conjunto de objetos sociais representativos do melhor que a humanidade havia produzido no campo das ciências, da filosofia, da música, da literatura, da língua, da arte, entre outros. A Cultura era então entendida como acúmulo de saberes e constituída pelos elementos de prestígio social. Essa cultura – branca, masculina, heterossexual, cristã – tida como própria das elites dominantes, representava a “Cultura” de referência. Grafada com letra inicial maiúscula e sempre no singular, a cultura deveria constituir um ideal a ser alcançado por toda a sociedade, como afirma Veiga-Neto (2003).

De acordo com o pensamento Moderno, a cultura se pretendia única e universal. Única pela superioridade que esbanjava como representativa daquilo que de melhor a sociedade havia produzido e universal porque deveria ser atingida por toda a humanidade. Esse ideal de formação de uma cultura única e universal foi predominante até o final da primeira metade do século XX e, apesar de nunca ter sido atingido, foi perseguido pela escola ao longo dos processos de escolarização consolidados na trajetória histórica da educação. Diante da pretensão de universalização de uma cultura hegemônica, a escola adotou, no dizer de Berenstein (1996), a gramática de referência da classe dominante, e impôs a todos e todas o que Bourdieu (1982) denominou de *habitus* da cultura dominante, inscrevendo no seu itinerário a história do currículo monocultural.

No entanto, para além do universalismo idealista da concepção Moderna, a partir do final dos anos 1950, o conceito de cultura se desloca e se amplia. A cultura começa então a ser compreendida como construção social, como processo histórico de (re) criação dos modos de vida em sociedade e a incorporar a diversidade dos textos e das práticas sociais cotidianas de sujeitos comuns. Passa a ser encarada em sua complexidade, dinamicidade e historicidade, como afirmam Costa; Silveira e Sommer (2003).

Nesse processo, destacamos as contribuições trazidas a esse debate pelos Estudos Culturais e pelos Estudos Feministas. Os primeiros por seu engajamento político com as questões sociais que emergem no campo da pesquisa e pela

centralidade que a cultura neles assume. Enquanto os Estudos Feministas contribuíram, sobretudo pela incorporação de práticas de pesquisa centradas na categoria experiência, voltadas inicialmente para a investigação das experiências de mulheres e, mais tarde, passando a agregar a construção das identidades, das subjetividades e das representações dos sujeitos – homem e mulher. Esses estudos, afastando-se da perspectiva globalizante das metanarrativas da ciência Moderna, desenvolvem análises sobre grupos locais, minorias, processos de diferenciação cultural, territorial, individual, entre outras. Trata-se de estudos que possibilitam ampliar a compreensão sobre as formas de representação do outro, presente nos currículos, a exemplo das representações de gênero que adentram o espaço escolar.

Também na segunda metade do século XX, a teorização crítica do currículo amplia os estudos sobre a estreita relação entre currículo e cultura, considerando esta última como espaço de produção de sentidos, de significados e de sujeitos. A cultura passa a ser concebida como um terreno de (re) criação e contestação do conjunto de conhecimentos e valores instituídos em dado momento histórico como componentes do currículo. Passa a ser compreendida como produção ativa e não como resultado de sua transmissão (MOREIRA e SILVA, 2006) e, diante de tal deslocamento, a seleção dos conhecimentos a serem ensinados na e pela escola passa a ser problematizada.

O currículo passa então a ser compreendido como objeto social e cultural que expressa o tipo de sujeito e de sociedade que se quer formar, ampliando-se assim, o entendimento sobre as relações de poder que estariam guiando a seleção de saberes privilegiados socialmente e recortados da cultura em um determinado tempo e espaço para serem ensinados na escola. Por outro lado, compreender o currículo como objeto social, implica acolher a ideia de que o mesmo abrange intencionalidades, discursividades e representações diversas que se expressam através do discurso pedagógico. Disso podemos depreender que os recortes culturais privilegiados pela escola vão legitimando interesses de grupos hegemônicos em detrimento de interesses de outros grupos sociais silenciados e invisibilizados e instituindo conteúdos, valores e representações. Nessa perspectiva, questionamos sobre quais elementos de inculcação da cultura estariam promovendo



mudanças ou reforçando comportamentos de discriminação dos sujeitos com base nas diferenças culturais de gênero?

Destacamos ademais que a concepção de currículo que guia nosso fazer pedagógico e, por conseguinte, os elementos ora apresentados, indica que o currículo abrange o conjunto das experiências de ensino oferecidas aos/às estudantes através das práticas pedagógicas, dos materiais didáticos, dos textos em circulação na escola, dos símbolos expostos, dos rituais vivenciados, além de tantas outras formas de vivência escolar. Desse modo, o currículo constitui elemento da cultura que promove a inclusão de sujeitos ou grupos, ou ainda, de algumas formas de expressão de determinados grupos, ao mesmo tempo em que outros sujeitos ou formas de expressão são excluídos das práticas curriculares, como afirmam Moreira (1997) e Candau (2002).

Realçamos ainda que, se por um lado não podemos desconsiderar a indissociabilidade entre currículo e cultura, por outro também não podemos pensar o currículo e a cultura sem que estejam atravessados pelas relações sociais de gênero. Desse modo, currículo e gênero como elementos da cultura fazem parte de um contexto sócio-histórico marcado pela pluralidade e pela diversidade que caracterizam a sociedade contemporânea e, em consequência, a escola como multiculturais.

O gênero instituído na e pela diferença cultural constitui um objeto social, culturalmente forjado e diz respeito às relações entre pessoas, às representações criadas pela sociedade em relação ao que é masculino e ao que é feminino, e tem referência também nos artefatos culturais identificados historicamente como masculinos ou femininos. Nessa perspectiva, compreende-se que o gênero se constrói no engendramento das relações sociais, sugerindo que a constituição das feminilidades não diz respeito só às mulheres, da mesma forma que a composição das masculinidades não se refere apenas aos homens. A compreensão sobre a perspectiva relacional do gênero extrapola a percepção de homens e mulheres como sujeitos concretos, dotados de uma essência ou natureza própria ao seu sexo, para abranger o entendimento de que este constitui uma categorização de pessoas, de artefatos e de eventos. Trata-se de uma percepção que considera como constitutivo do gênero tudo que representa uma imagem sexual, construída



socialmente, para expressar as diferenciações entre o masculino e o feminino, uma vez que os “referentes falam da distinção sexual, mesmo onde os sujeitos não estão presentes” (COSTA, 1998, p. 187). Dessa forma, o entendimento de que o gênero não abarca apenas as categorias homem e mulher, implica a apreensão ampliada das categorias masculino e feminino das quais as primeiras seriam parte.

Nesse sentido, entendemos que o currículo vai formando masculinidades e feminilidades de acordo padrões estabelecidos culturalmente, segundo relações de poder assimétricas que ancoram sua elaboração e vivência no interior da escola. Diante disso, questionamos: De que forma as práticas curriculares vivenciadas nos cursos de formação docente estariam repercutindo na vivência de um currículo multicultural por estudantes, professores e professoras nas salas de aula do Ensino Fundamental? Em que medida práticas curriculares ancoradas na perspectiva multicultural podem contribuir para a formação de professores e professoras sensíveis à construção de novas e diferentes relações de gênero na escola e na sociedade?

### **Estudos de gênero na formação docente: um diálogo multicultural**

Os questionamentos que acompanham nossa prática docente no exercício da formação de professores e professoras, assim como os esforços desenvolvidos no sentido de proporcionar aos licenciandos/as oportunidades de experiências multiculturais no currículo da disciplina por nós ministrada são contemplados na análise dos resultados dos trabalhos aqui apresentados. Embora esses esforços não estivessem circunscritos às discussões a respeito das relações sociais de gênero, não podemos desconsiderar que estas ganharam força nas discussões, posto que constituem o centro das nossas inquietações na abordagem das desigualdades de direitos e de oportunidades provocadas pelas diferenças culturais, uma vez que é sobre estas relações que vimos refletindo nos últimos anos. Essas reflexões, por seu turno, estão envoltas no bojo das discussões mais recentes desencadeadas no campo do currículo sobre multiculturalidade, multiculturalismo, diferença e diversidade, que têm em comum a preocupação com a construção das identidades dos sujeitos.

Nesse sentido, entendemos em consonância com Candau (2008), que a multiculturalidade está atravessada por questões sociopolíticas e histórico-culturais, estando, por conseguinte transversalizada por relações de poder. De igual modo, caracteriza-se pelo hibridismo cultural, pelo envolvimento político, pelo reconhecimento da cultura como construção histórica em permanente processo de (des)construção e reconstrução e, sobretudo por sua abertura ao reconhecimento do outro. Assim, a perspectiva multicultural visa “promover uma educação para o reconhecimento do ‘outro’, para o diálogo entre diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos [...]” (CANDAU, 2008, p. 23).

Desse modo, os temas estudados pelos licenciandos/as foram delimitados com vistas ao alcance de objetivos definidos em função do imperativo de maior entendimento sobre a relação entre gênero e educação e, mais precisamente, entre gênero e educação física. No conjunto, esses estudos buscaram responder a questões que resultaram da necessidade de compreensão sobre situações vivenciadas ou observadas no cotidiano da escola, envolvendo as relações entre os gêneros e o aprofundamento de estudos para sua inteligibilidade.

As principais referências buscadas para apoiar conceitualmente as investigações integram um campo de estudos que trata sobre as articulações entre as relações sociais de gênero e a educação, ou mais precisamente, a respeito das implicações entre gênero e currículo na formação dos sujeitos. Essas referências apoiaram a busca de respostas às questões de pesquisa dos trabalhos analisados, cujos resultados foram assim categorizados: a) elementos da cultura formadores das representações de gênero dos/as estudantes; b) a construção das relações sociais e das representações de gênero dos estudantes; c) concepções de gênero e de corpo na educação física escolar.

Os trabalhos tiveram seus resultados mapeados e analisados previamente em função de sua coerência com os objetivos e questões propostas nas monografias. Em seguida, procedemos à análise temática desses resultados, e desta foram emergindo as revelações que passamos a apresentar.

## O que revelam as pesquisas: compreendendo os objetos analisados

As pesquisas aqui analisadas revelam que os elementos históricos e culturais envolvidos na formação dos sujeitos favorecem as práticas sexistas que se desenvolvem nas escolas, nas creches e, em particular, nas aulas de Educação Física, interferindo na construção das relações entre os gêneros. Dessa forma, mesmo diante dos avanços registrados pela sociedade atual e das mudanças culturais em curso na contemporaneidade, percebemos que a organização da sociedade parece ainda se conformar em função do elemento masculino que estaria ocupando o centro na disposição dos lugares sociais e corroborando a assimetria, historicamente construída, nas relações entre os gêneros.

Embora o conjunto dos trabalhos aponte o potencial de ingerência da Educação Física na construção das representações de gênero dos/as estudantes e destaque a relevância do papel que esse componente curricular assume na socialização dos sujeitos, essa influência nem sempre é considerada aceitável e muito raramente seria suficiente para favorecer a equidade entre gêneros no espaço escolar.

De acordo com os resultados dos trabalhos analisados, as práticas docentes dos professores e professoras de Educação Física podem contribuir para a elaboração de uma representação positiva dos gêneros, na medida em que incluam meninos e meninas em atividades comuns a ambos, estimulem as interações entre eles e elas, discutam com os/as estudantes a formação de valores e o respeito às diferenças. A esse respeito, Freire (2010) adverte sobre o papel que tem a escola na desconstrução das representações de gênero ancoradas na oposição binária entre masculino e feminino que os meninos e meninas trazem consigo já nos primeiros anos de escolaridade. Nesse sentido, inferimos que práticas pedagógicas distanciadas do envolvimento político com questões de desigualdade social estariam reforçando preconceitos e discriminações no interior da escola e na sociedade como um todo.

Em relação aos conteúdos de ensino ministrados, o conjunto dos estudos analisados indica que estes parecem ter contribuído pouco para a construção da equidade entre os gêneros no espaço escolar, em razão da adoção de estratégias

metodológicas de separação entre meninos e meninas durante a vivência das aulas. Essa separação, muito comum a partir do 6º ano do ensino fundamental, ora se materializa por meio da divisão do tempo de aula para meninos e meninas, ora se efetiva através da delimitação do espaço físico da quadra com demarcação de diferentes lugares por sexo e aplicação de conteúdos de ensino também distintos. Ainda sobre esse aspecto, os estudos revelaram que meninos e meninas, na maioria dos casos, seguem um itinerário de conteúdos escolares em que predominam atividades ligadas aos esportes e que deixam em plano secundário as atividades rítmicas, a ginástica, os jogos e as lutas. Essa seleção, segundo as análises, estaria acarretando a construção de relações sociais de gênero, apoiadas nas diferenças biológicas entre os/as estudantes, em razão de estimular o alcance de um alto padrão de rendimento físico, para o qual, supostamente, os meninos estariam em situação de vantagem. De acordo com as conclusões de Ana Cláudia (2009, p. 43), autora de uma das pesquisas:

[...] esses procedimentos fazem com que a nossa sociedade priorize aqueles que apresentam melhor desempenho, excluindo outros em função das diferenças, relacionadas às estruturas biológicas dos sujeitos. [...] as meninas são verdadeiramente excluídas pelos meninos nas aulas de educação física, por não haver um equilíbrio na realização de atividades propostas para eles e para elas.

A autora afirma também que um trabalho pedagógico envolvendo jogos e brincadeiras populares, realizado de maneira sistemática nas aulas de Educação Física poderia contribuir para a construção de relações sociais de gênero mais equilibradas entre meninos e meninas.

Além disso, o predomínio dos esportes como conteúdo das aulas sugere que a própria seleção dos saberes a serem ensinados pelo professor/a passa pela preferência dos meninos, pois como nos mostra um dos trabalhos, esse fato pode ser observado “principalmente quando tratamos do conteúdo dança nas aulas. Para muitos meninos, dança é sinônimo de ‘coisa de menina” (RODOLFO NETO, 2010, p.31). A esse respeito Lima e Dinis (2007, p. 249) afirmam que se é verdade que a divisão física e espacial entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física atualmente é pouco comum, também é certo que se processa entre eles/as uma divisão cultural e simbólica, quando se observa que por ocasião da realização de

uma aula livre “os meninos jogam, via de regra, futebol e as meninas dançam ou conversam fora da quadra esportiva destinada às aulas”. A despeito da afirmação dos autores, no caso das investigações ora relatadas, observamos que esses procedimentos não se fazem notar apenas por ocasião das aulas livres, mas na própria organização da disciplina, cujos conteúdos predominantes são os esportes e, em particular o futebol.

Nesse sentido, o estudo de Ericka Carneiro (2009) revelou que os meios de comunicação de massa com sua influência sobre os gostos e preferências de crianças e jovens, e com o poder de (re) criação da cultura que detém, constituem um dos dispositivos culturais responsáveis pela presença majoritária do futebol entre os conteúdos de ensino da educação física escolar.

Da mesma forma, as relações sociais de gênero culturalmente forjadas concorreram e concorrem para que o fenômeno do futebol invada a escola e se expresse na preferência dos meninos pela prática desse esporte. Dessa forma, entendemos que o papel da mídia, em especial da mídia televisiva, e as relações de gênero postas historicamente na sociedade constituem os elementos da cultura com maior influência sobre a preferência dos meninos e pela predominância da prática do futebol nas aulas de Educação Física. A propósito desse predomínio, inferimos que tais práticas estariam pautando a escolha dos conteúdos da disciplina em favor da primazia de um grupo e em detrimento de outro ao qual estaria sendo negada a participação nas aulas. Nesse caso, aos meninos estaria sendo concedida a oportunidade de definir o conteúdo das aulas, enquanto às meninas caberia a ocupação do tempo pedagógico com conversas e passeios ao redor da quadra.

Nessa perspectiva, a pesquisa de Gláucio Ricardo (2010) revelou que mesmo com avanços históricos, a sociedade atual é organizada em função do masculino e que há ainda um longo trajeto a ser percorrido na desconstrução dessa realidade referente às relações entre os gêneros. Nessa caminhada, a intervenção da escola e, especialmente, da Educação Física apresenta-se como de fundamental importância para criar na sociedade bases que possam facilitar um processo de transformação social visando à equidade entre os gêneros.

Por sua vez, o trabalho, desenvolvido por Josivalda Cláudia (2009), investigou as concepções de corpo presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais de

Educação Física para os anos finais do Ensino Fundamental e revelou que tal concepção está em consonância com as mais recentes pesquisas a respeito da relação entre corpo e educação tratadas na Educação Física. Desse modo, ao orientar estudos sobre a dimensão biológica do corpo, o documento considera a cultura envolvida na sua constituição e anuncia o entendimento de que o corpo biológico se constitui como elemento da cultura e como linguagem que expressa sentimentos e emoções. Seu estudo aponta também que os conteúdos propostos no documento e dispostos em três blocos – conhecimento sobre o corpo; esporte, jogos, lutas e ginástica e, atividades rítmicas e expressivas – compartilham conhecimentos e oferecem algumas semelhanças entre si sem, contudo, deixar de garantir as especificidades de cada um deles. O estudo revela que o documento traz contribuições à prática pedagógica da Educação Física escolar, no que diz respeito ao conceito de gênero.

### **Considerações sobre a experiência formativa**

Nesse artigo buscamos refletir a respeito da relação entre a formação docente de professores e professoras de Educação Física e suas práticas pedagógicas no que diz respeito às relações entre gêneros, visando responder à seguinte questão: de que forma a formação docente pode contribuir para a superação de práticas sexistas no interior da escola e para a construção de relações sociais promotoras da equidade entre os gêneros?

Podemos iniciar nossas considerações refletindo sobre o perfil dos autores e autoras dos trabalhos, cujos resultados foram convertidos em dados da análise aqui apresentada. Observamos primeiramente que a maioria das pesquisas foi desenvolvida por mulheres. Foram nove investigações, sendo seis realizadas por licenciandas e três desenvolvidas por licenciandos. Ou seja, podemos constatar que para cada duas mulheres que optaram por discutir gênero no currículo de educação física, correspondeu a escolha de apenas um homem. Esse dado a princípio poderia ser encarado como expressando uma grande distância entre os interesses de homens e de mulheres pelas questões referentes ao trato com as relações de

gênero no currículo escolar. No entanto, optamos por interpretar tais elementos de outra forma.

Nessa interpretação inferimos que embora dois terços dos trabalhos tenham sido desenvolvidos por mulheres e apenas um terço por homens, a iniciativa dos rapazes de olhar o currículo escolar sob a perspectiva da diferença de gêneros presente na escola, parece um dado significativo na medida em que revela a compreensão de que essas diferenças são construídas socialmente, ao mesmo tempo em que evidencia o entendimento a respeito do caráter relacional dessa construção. Ou seja, fica manifesta a compreensão que os licenciandos têm de que as construções do feminino ou sobre o feminino são forjadas na relação com o masculino, da mesma forma que as ideias sobre o masculino também se constroem na relação com o feminino, ratificando o caráter relacional da categoria gênero.

Diante disso, destacamos que o gênero como categoria de análise se impõe aos estudos sobre currículo e, em especial sobre a educação física escolar, posto que a escola contemporânea é inteiramente atravessada pela diferença entre gêneros. No entanto, não é apenas a escola de educação básica que clama pelo olhar de professores e professoras sobre os gêneros que a compõem, considerando as singularidades de suas construções identitárias. De modo semelhante, a formação de professores e professoras também demanda um olhar sensível do/a docente do ensino superior em cujas práticas as discussões sobre as relações entre os gêneros na escolaridade básica deveriam ser acolhidas.

Destacamos ademais que esse exercício de olhar a prática docente como espaço de atuação política parece atingir os licenciandos/as e, nessa perspectiva, merece destaque o fato de que já começa a se expressar entre os futuros professores uma certa disposição para assumir publicamente a opção de discutir questões relativas aos gêneros, sem constrangimentos, inclusive, para escolher uma mulher como orientadora do trabalho e para fazer a apresentação e defesa da equidade de gêneros na escola, diante de uma banca examinadora e de uma plateia observadora.

Desse exercício docente parece ter resultado a construção de sensibilidades em relação às questões curriculares afetas às relações de gênero por parte das licenciandas, e dos licenciandos que durante o curso problematizaram as diferenças



culturais de gênero presentes na escola e sobre elas se debruçaram como objeto de estudo e pesquisa. Ou seja, durante as atividades do estágio supervisionado, dentre as tantas possibilidades de observação presentes nas práticas curriculares, esses/as estudantes mobilizaram seu olhar e passaram a problematizar as relações sociais de gênero observadas no interior da escola pública. Essa problematização, por sua vez, vai ao encontro da resolução de questões, cuja relevância se apresenta inquestionável do ponto de vista da formação profissional desses licenciandos/as para atuar na escolaridade básica, bem como da construção da sua identidade docente.

Isso porque as questões de pesquisa elaboradas anunciam que os elementos da cultura responsáveis pela construção das representações e das relações sociais de gênero estiveram no centro das preocupações investigativas dos licenciandos e licenciandas e que suas inquietações foram plenamente justificadas pelos resultados apresentados nos vários trabalhos, anunciando que a formação docente pode contribuir para a superação de práticas sexistas e para a construção de relações sociais que promovam a equidade entre os gêneros no interior da escola e na sociedade mais ampla, na medida que questione padrões e estereótipos de gênero historicamente construídos.

Nesse sentido, a nossa experiência com práticas curriculares multiculturais na formação inicial de docentes parece haver se aproximado do nosso objetivo de atuar no campo do currículo compreendendo-o como formador de sujeitos e visando a formação de professores e professoras comprometidos com mudanças sociais, por compreenderem a cultura como construto social e histórico, como campo de lutas no qual os embates dizem das relações de poder vivenciadas em determinado tempo e espaço da existência humana.

**Abstract:** The research that led to this work was to study the subject of gender relations in physical education classes taught in the final year of elementary school. Reflects on the relationship between teacher pedagogical practices of teachers / Physical Education concerning the relations between gender and training. The analysis focused on results of final papers for the Bachelor's Degree in Physical Education and originated in curricular practical experience of facing the multiplicity of formative elements of multiculturalism that marks our society and therefore enters our classrooms. The results show that gender as a category of analysis is necessary to resume studies and show that our experience with multicultural curriculum practices in initial teacher education approaches the goal of operating in the field of curriculum understood as forming the subject and for the training of

teachers committed to social change, by understanding the culture and history as a social construct and as a field of struggles in which they say the clashes of power relations experienced at a given time and space of human existence.

**Keywords:** teacher education; gender and education; multicultural curriculum.

## Referências

ARRUDA, Josivalda Claudia Duarte e. *A cultura corporal e as concepções de corpo na educação física escolar*. 2009. 50 fls., (Licenciatura em Educação Física). Faculdade Salesiana do Nordeste (FASNE), Recife.

BERNSTEIN, Basil. *A estruturação do discurso pedagógico: classe, código e controle*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Luiz Fernando G. Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

BOURDIEU, P. & PASSERON. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Trad. Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

CANDAU, Vera Maria. Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação. *Educação e Sociedade*. Ago 2002, vol.23, no.79, p.125-161.

CANDAU, Vera Maria. (Org.). *Sociedade, educação e cultura(s): questões propostas*. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CARNEIRO, Ericka da Silva. *Elementos da cultura implicados na preferência dos meninos pelo futebol nas aulas de educação física*. 2009. 42 fls., (Licenciatura em Educação Física). Faculdade Salesiana do Nordeste (FASNE), Recife.

COSTA, Rosely Gomes. De clonagens e de paternidades: as encruzilhadas do gênero. *Cadernos Pagu*. Campinas, SP: UNICAMP, n.11, p. 157-199, 1998.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luiz Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, RJ: Mai/Ago. 2003, n. 23, p. 36-61. Disponível em: [www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br). Acesso em: 20/12/2007.

FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro*. 5ed. São Paulo: Scipione, 2010.

GAZZANIGA NETO, Rodolpho. *Gênero e educação física: as interferências das representações de gênero dos e das estudantes na aplicação do conteúdo dança nas aulas do ensino fundamental e médio de uma escola da rede privada de ensino do Recife*. 2009. 39 fls., (Licenciatura em Educação Física). Faculdade Salesiana do Nordeste (FASNE), Recife.

LIMA, Francis Madlener de; DINIS Nilson Fernandes. Corpo e gênero nas práticas escolares de educação física. *Currículo sem Fronteiras* [online]. Jan/Jun 2007, v.7,

n.1, p. 243-252. Disponível em: <[www.curriculosemfronteiras.org](http://www.curriculosemfronteiras.org)> Acesso em: 30 maio 2009.

MEDEIROS, Ana Cláudia do Nascimento. *Jogos e brincadeiras populares nas aulas de educação física: as mediações na construção das relações sociais de gênero entre meninos e meninas dos anos iniciais do ensino fundamental*. 2009. 47 fls., (Licenciatura em Educação Física). Faculdade Salesiana do Nordeste (FASNE), Recife.

MELO, Thatiane Mirella de Oliveira. *Concepções de gênero de professores e professoras de educação física de uma escola estadual de Recife-PE*. 2010. 38 fls., (Licenciatura em Educação Física). Faculdade Salesiana do Nordeste (FASNE), Recife.

MENDONÇA, Alxan Santilio. *Gênero e educação: a inclusão de meninos e meninas nas aulas de educação física*. 2008. 43 fls., (Licenciatura em Educação Física). Faculdade Salesiana do Nordeste (FASNE), Recife.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu. *Currículo, cultura e sociedade*. Trad. Maria aparecida Baptista. 9. ed. SP: Cortez, 2006.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. Currículo, utopia e pós-modernidade. In:

\_\_\_\_\_. *Currículo: questões atuais*. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

REIS, Fabíola Adriana Menezes dos. *Educação física e gênero: as contribuições da educação física escolar para a construção das relações sociais de gênero entre os e as estudantes do ensino fundamental*. 2008. 40 fls., (Licenciatura em Educação Física). Faculdade Salesiana do Nordeste (FASNE), Recife.

SILVA, Gláucio Ricardo Ribeiro da. *Comportamentos de gênero de meninos e meninas nas aulas de educação física*. 2010. 39 fls., (Licenciatura em Educação Física). Faculdade Salesiana do Nordeste (FASNE), Recife.

SOARES, Ericka. *Meninos e meninas representando o gênero nas aulas de educação física*. 2010. 39 fls., (Licenciatura em Educação Física). Faculdade Salesiana do Nordeste (FASNE), Recife.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. *Rev. Bras. Educ.* [online], Ago 2003, no. 23, p. 5-15. Disponível em: <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)> Acesso em: 20.fevereiro.2009.